

# ZIG/JAC: MAG

## Razão de um Percurso

Falatório 2013 – Seção 2

### MD Magno

Realizado no auditório da Universidade  
Candido Mendes Ipanema, 14 maio 2013.

6. Continuando aquele papo. A gente pensa, com hábito já bem antigo, que o que não é da ordem da ficção não seja ficção. Não é verdade. Hoje, cada vez mais sabemos que toda construção mental, em última instância, é ficção. Se acompanharmos a linhagem de Jeremy Bentham – que, em termos gerais a respeito mesmo de ciência e filosofia, vai dar em Hans Vaihinger –, veremos, no caso específico da ideia de ficção na literatura, o atual interesse pela obra de Wolfgang Iser e, no Brasil, a obra de um excelente especialista na área que é Luiz Costa Lima. Precisamos nos convencer de uma vez por todas de que, em última instância, toda produção mental é ficção. Variam os motivos, os materiais e as referências que podem ser desde a mais delirante mitologia até a mais delirante matemática. Por isso, costumo dizer que o que tenho conseguido produzir com o nome costumeiro de teoria psicanalítica é ficção, que prefiro escrever com *x*: **Fixão**. Não só é ficcional como é fixante: é a fixação de uma ideia capaz de se desenvolver teórica e abrangentemente. E esta é a minha *fixão*, como a de qualquer outro, aliás.

Há uma pergunta que os filósofos repetem angustiadamente há tempo: por que há o Ser, e não antes o não-Ser? Ou melhor, por que *há*, e não antes *não há*? Para dizer do meu modo: **por que há o Haver e não há o não-Haver?** Considero, por um lado, esta uma pergunta cretina à medida que o inquiridor não reconhece que o não-Haver efetivamente – isto é, primariamente – não há, como o nome está dizendo. O nome é **não-Haver**, logo não há. O nome, este, há. Por outro lado, é uma pergunta fundamental, justamente porque não é uma pergunta, e sim uma *denegação*, como se diz em psicanálise. Se ele está angustiado se perguntando é porque já viu que *não há*. Se não tivesse visto, não ficaria tão angustiado com esse não-Haver que não se apresenta porque não há. É uma denegação por parte do inquiridor denegando o conhecimento do **desejo** que ele tem **de não-Haver**. Isto é que é angustiante, pois quando alguém pergunta “por que há o Haver e não antes o não-Haver?” parece que está em nostalgia de não-Haver: “Se houvesse o não-Haver, eu iria para lá, seria mais sossegado”. E há aquele ditame grego *Me Funai*: antes não tivesse nascido, antes eu não houvesse – e a Paz seria eterna. É mentira, pois, se não há, não tem nem paz, quanto mais o resto.

Aproveito-me desta situação nossa de não haver o não-Haver e haver desejo de não-Haver como A Lei do que há e, portanto, não não-há. Considerando essas questões – que até vigoram em certas filosofias sem acharem alguma significação definitiva para elas – e considerando também, como apontei da

vez anterior, que a *pulsão* que há sempre é *de morte* – toda pulsão é mortal e a pulsão de morte é a que há, as outras são caronas desta pulsão fundamental –, então digo que A Lei do Haver é: **Haver desejo de não-Haver**. Vejam que estou falando de Lei num sentido que está colado na própria *physis*, e não de lei apenas no sentido jurídico. É a Lei – **Alei**, como chamo – que há e que rege “todo” o Haver. Que desejo que há?: O desejo de não-Haver – mas é um desejo que será frustrado para sempre porque o não-Haver não há.

Segundo esta perspectiva, todo desejo é desejo de Impossível, pois, mesmo que alguma formação, alguma coisa, tome carona no movimento pulsional, em última instância, é o fracasso. Dá para gozar bastante no ínterim, mas é vocação de entropia, de morte, de final. Aproveite quem quiser no meio de campo...

7. Quando uso o verbo *Haver*, com o sentido e a conotação que uso, é principalmente para fazer a **diferença radical entre Haver e Ser**. Quando traduzem os antigos gregos da filosofia primordial, falam em Ser e não-Ser. Não falam em *Haver* como estou falando. Falo em Haver porque **Haver não tem rosto, é um choque que temos diante do estar aqui**. Quando Haver começa a ter rosto, começamos a falar desse rosto – e aí chamamos de Ser.

Aproveito-me de uma obra do sempre genial Marcel Duchamp para didatizar a diferença entre Ser e Haver. Trata-se de *Bruit Secret* (Ruído Secreto), de 1916, que ele intitulou *readymade assisté*. Subtitulou assim porque pediu a intervenção de outra pessoa. Trata-se de um novelo de barbante, desses comprados em loja, que ele fechou com quatro parafusos entre duas placas de latão preto, uma em cima, outra embaixo, tapando as duas, digamos, bocas do novelo: o novelo está, então, emparedado entre duas placas de metal e fechado por parafusos. Antes de fechar, Duchamp pediu a seu amigo, Walter Arensberg, para colocar dentro do buraco uma coisa. E mais, que nunca dissesse a ninguém, inclusive a ele, Duchamp, o que lá colocara.



Marcel Duchamp: With Hidden Noise (bruit secret), (1916/1964):  
[thisanaloglife.tumblr.com](http://thisanaloglife.tumblr.com)

Por isso, chamou de *ruído secreto* – e é ilustrativo da diferença entre Ser e Haver: quando se balança a peça, percebe-se que *há* algo, mas não se sabe o que *é*. Lá dentro, há algo. O que *é*?

Quando vamos para o verbo Ser, nada temos a dizer sobre o impacto com esse barulhinho. Temos lá dentro um trocinho que balança, faz barulho e *dói* – mas não sabemos o que é. Como não sabemos o que é, fazemos deste Haver a causa de um delírio infinito, que é a história de toda a produção da humanidade, de toda a nossa fixação, desde a mitologia mais grosseira de uma tribo primitiva à mais refinada teoria da física quântica.

Começamos, então, de modo delirante – sempre é delirante –, a inventar maneiras de Ser para o que Há. O lucro é grande nesta deliração, pois às vezes é com extremo rigor – como Lacan diz que é a vocação da psicose paranoica (para ele, todo conhecimento é paranoico) – que estamos delirando para dar conta do impossível de dizer, que é fazer o Haver ser alguma coisa. A produção é infinita, não tem fim – por não conseguir, de fato, dizer o que é Haver. O Haver é muito maior do que o Universo, do que os possíveis universos, os universos paralelos, etc. **O Haver é o que há.** É não apenas isto que há aqui dentro me futucando e me fazendo fazer a besteira que estou fazendo agoraqui, como é a **Causa** de toda a movimentação desta espécie. Repetindo, então, digo que Alei do Haver, segundo a psicanálise – com apoio até em delírios específicos como a física dos séculos XIX e XX ao criarem a ideia de *entropia* como a segunda lei da termodinâmica –, é: Haver desejo de não-Haver. Freud se enganou um pouco, pois, como antes percebera as coisas no nível da carona que o corpo e outras coisas pegam no trem do não-

Haver, pensou que havia uma pulsão de vida. Isto até descobrir a tal Pulsão de Morte – e quanto mais andava para a frente via que não há outra, só há esta pulsão. Aquelas que chamou “de vida” não eram senão caronas na Pulsão de Morte. Ou seja, descobriu que **toda Pulsão é mortal**. Insista demais em suas pulsões que você morrerá mais depressa.

Fiz, então, como disse, a seguinte fixão. Alei é: Haver desejo de não-Haver. Ora, como o não-Haver não há, o movimento do Haver, mesmo do ponto de vista cosmológico – e posso delirar assim, pois existem teorias cosmológicas atuais que me servem de apoio –, é no sentido de não-Haver. Então, como o não-Haver não há, não tem jeito, o Haver quebra a cara e volta para o mesmo lugar onde estava. Volta, continuando a desejar o não-Haver, que não há, onde ele quebra a cara, volta e continua tentando esse Impossível que não há, e assim por diante. Repetindo, Alei do Haver é: Haver desejo de não-Haver. Pegamos este movimento e nele tomamos carona para todos os desejozinhos que temos pela vida. Só esta pulsão é devida.

8. Quando produzimos alguma fixão, no sentido teórico a que estou me referindo, não escapamos das condições, possibilidades e disponibilidades, teóricas ou outras, que temos em nossa vida, inclusive em nosso momento histórico. A psicanálise não é diferente do resto. Ela nasceu num certo momento em que o Doutor Freud arrumou um protocolo de trabalho para, em sua

angústia pessoal com o não-Haver, tentar dar conta de uma questão que lhe era sintomática. É a questão de **como funciona o psiquismo**. Por exemplo, a questão do porquê de ele, Zig, ser tão neurótico. Cada época tem que arranjar um protocolo de acordo com suas circunstâncias. Daí que, na história da psicanálise, temos momentos fecundos em que alguém arruma um protocolo com a visão teórica do que possa ser nossa organização psíquica. Há momentos menos fecundos, em que se repete infinitamente o que um momento fecundo colocara, faz isto proliferar, etc. Há, pois, uma série de epígonos produzindo e acrescentando a fixão.

Momentos fecundos na psicanálise, parece que só tivemos dois até hoje. O próprio momento de Freud, com muita gente depois. Aconteceu também de gente muito delirante fazer coisas tais que escaparam completamente das possibilidades de fazer psicanálise. Mas, menos de meio século depois de Freud, houve outro movimento: a fixão do Doutor Lacan. Como disse, cada um deles fez funcionar sintomaticamente sua fixão em função de seu acervo, de seu momento. Veio, por exemplo, a questão dos **conceitos fundamentais**. Quais são os conceitos fundamentais para o pensamento psicanalítico que, afinal de contas, tenta dar conta de tudo (se tenta dar conta do funcionamento da mente, então abrange tudo)? Na própria obra de Freud, não se encontram conceitos fundamentais. Encontram-se conceitos fortes, mas não por ele designados como fundamentais. Lacan, que resolveu fazer a leitura – que é a leitura dele, Lacan – da obra de Freud, lá

encontra quatro conceitos fundamentais para organizar a psicanálise: o *inconsciente*, a *repetição*, a *transferência*, e a *pulsão*.

Ele supõe poder organizar toda a teoria da psicanálise em cima destes quatro conceitos. Destes, na verdade, só um foi inventado pela psicanálise. O Inconsciente está falado muito antes dela, basta ver a abordagem de Nietzsche. A repetição não é uma invenção reconhecida da psicanálise, é a tendência de as coisas se repetirem, que estava até mesmo na mitologia grega, com o movimento dos astros, etc. A transferência, mesmo sem ter este nome, Lacan vai buscar num diálogo de Platão, o *Banquete*, hoje muito conhecido: Sócrates e aquelas relações transferenciais em torno dele. Transferencial quer dizer o quê? Designa-se uma pessoa como se fosse o rei da cocada preta, ou seja, esta pessoa é que sabe das coisas e preciso que ela me diga quem eu sou. Alguém está perdido – como todos nós, aliás –, com essa dorzinha de Haver sem saber o que É, aí acha uma pessoa que ele supõe que sabe e vai perguntar para ela. O cara não sabe, mas segura a barra. Não diz que não sabe e fica segurando a possibilidade daquele pobre diabo chegar à mesma conclusão que ele chegou, de que não vai saber nunca.

Como dizia, o único conceito produzido pela psicanálise foi produzido por Freud com o nome de *Trieb*, *drive* em inglês. Em português, como ninguém sabe traduzir, chamaram de pulsão. Em minha tradução, o nome da coisa é: **Tesão**. Você tem tesão no



quê? Diz Chico Buarque: “Eu tenho tesão é no mar” – não é proibido... *A Pulsão é o movimento do desejo de Haver para não-Haver*. Movimento este que dá carona para todos os movimentos desejantes nossos. Se fizermos análise suficiente, ou se vivermos o bastante para organizar todas as decepções, chegaremos à conclusão de que era só desejo de não desejar. Em última instância, sem falar em pulsão, é o que Sidarta Gautama já tinha dito: “É melhor não desejar” – só que isto não acontece a ninguém. Costumo, então, dizer que não preciso de vários conceitos fundamentais para a psicanálise e nem mesmo preciso dos quatro de Lacan. Se reduzo todo o pensamento a respeito da pulsão a um único conceito, ao conceito de pulsão de morte – tiremos a palavra “morte”, já que posso dizer que a morte não há, não há como atingi-la –, isto é, à pura Pulsão entendida como Haver desejo de não-Haver, este movimento é capaz de dar conta dos outros conceitos, que, segundo Lacan, seriam fundamentais.

Por quê? Porque Haver deseja não-Haver, não-Haver não há, retorna; Haver deseja não-Haver, não-Haver não há, retorna... Isto se chama **repetição** (*Wiederholung*, na língua do Zig). O **Inconsciente**, este, na definição de Freud, não na de Lacan, é resultado de haver o que, para ele, era a “pedra angular da psicanálise”, isto é, o *recalque*. Há recalques, embargos, proibições, interdições e Freud ficava procurando saber de onde vinham. Ele queria pensar que, se existe recalque, se o recalque é o que fundamenta o Inconsciente, há Inconsciente porque há

recalque, então, algo cai numa zona de inconsciente. Mas por que isto acontece? Ele tinha a ideia de um recalque em algum lugar que pudesse ser o *recalque originário*, o primeiro, do qual todos os outros decorreriam. A meu ver, não conseguiu explicá-lo, mas ficou a ideia de que, em algum lugar, há um recalque originário que é responsável por sua influência pelos outros recalques nossos de cada dia. Em meu teorema, em minha fixação, o **Recalque Originário** é óbvio. Se há desejo de não-Haver, e não há desejo de Haver, e se o não-Haver não há, *desejo o Impossível*. E quando desejo esse *Impossível Absoluto*, que jamais será conseguido, quebro a cara e retorno. O que aconteceu? O *recalque originário*, que é o fato de que o não-Haver não há. Então, se o não-Haver não há, o Haver – ou, portanto, o Inconsciente – é o resultado de um movimento de decepção diante de algo que nunca houve nem nunca haverá.

Como Freud ficou muito invocado com isto, inventou as ideias de *perda original*, de *objeto fundamentalmente perdido*, etc., mas não é nada disso. O não-Haver não havendo já fundou o recalque originário, e isto repercute, ressoa, no seio do Haver como o primeiro recalque. Prefiro, então, mais ou menos consentâneo com a física posterior a Freud, chamar de **Quebra de Simetria** a isto que aí ocorre. O que havia era uma simetria – Haver quer não-Haver, ou seja, quer seu simétrico absoluto –, só que, em não havendo este simétrico, quebrou-se a simetria e a coisa ficou hemiplégica. Esta hemiplegia vai se repercutir em

todos os outros lugares: há *sempre* um recalque. Não é às vezes, não é só neurótico que tem recalque. Isto porque estamos sempre com a metade, inteiro não temos. E estar sempre com a metade é o que chamo de **Lei da Catoptria**. *Katoptron*, em grego, é *espelho*, mas estou falando de espelho enquanto estrutura, e não de nossa relação com as imagens que, estas, são extremamente simétricas, participam de uma simetria que se chama de *enantiomorfismo*: sua figura do lado de lá do espelho é exatamente o avesso da figura do lado de cá. Basta colocarem uma luva na mão e, ao tirá-la, ver que ela tem a figura da outra imagem que está do lado de lá do espelho. À nossa espécie, diferentemente das outras conhecidas (deste planeta, pelo menos), aconteceu de ter uma estrutura cerebral complexa que, além disso – coisa que esperamos que as ciências do cérebro venham comprovar, já que têm comprovado muita coisa a nosso favor –, é construída como espelho. **Nossa mente é estruturada como um espelho**. Não é como as imagens no espelho, que chamamos de imaginário ou de especular, e sim como aquilo que o espelho faz: o que quer que se coloque diante dele, ele põe pelo avesso. E se imaginarmos um espelho muito mais radical do que esse a que estamos acostumados, teremos, por exemplo, que uma luz aqui acesa, lá estará apagada. Nossa mente é, pois, um espelho que vira *tudo* pelo avesso. A esse reviramento, eu chamo de *Revirão*.

9. A humanidade chegou à loucura que é nossa vida, à construção e à produção que vemos e acompanhamos ao nosso redor, porque, ao que quer que se lhe apresente, ela pode pensar o contrário. Para um animal, dia é dia, noite é noite. Já para nós, noite pode ser dia, basta acender a luz. Então, se nossa mente avessa o que-quer-que, o nome disto é: *loucura*. Nossa mente é louca. Vem, então, o aproveitamento do recalque originário para fundar os outros recalques pois, se vivermos na loucura que a mente propicia, não daremos conta deste nosso boneco que não é revirante, como digo. Ele, boneco, não revira, não faz o avesso, é careta, localizado. É no nível da mente, e não disso que chamo de **Primário** – a construção *dada* do boneco –, que podemos avessar o-que-quer-que. E cada um avessa o que pode, o que consegue. Há uma enorme quantidade de coisas que é preciso fazer um esforço gigantesco para conseguir virar. Estamos, pois, na condição esquisita de termos uma construção, digamos, “física” – entre aspas porque todas as construções o são –, chamada de corporal, biológica, que é a construção do boneco, que nos é dada quando nascemos. Ela é inteiramente recalcada, pois os elementos do corpo, os elementos biológicos, não podem ficar revirando. Se o fizerem, podem matar o boneco. Temos, portanto, certa constância. Podemos ter o tesão de tomar um drink de ácido nítrico, tomar uma bebida excepcional, mas só é possível sonhar com isto, e não beber. A não ser que, através de outra instância, seja inventado algo que nos permita fazê-lo.

Afirmo, então, que a estrutura revirante, a estrutura em espelho, o Revirão, causou no seio das estruturas do boneco o que chamo de **Secundário**. Afirmação esta que nenhuma outra teoria psicanalítica, filosófica ou científica fez. Posso, dentro desta fixão que apresento, afirmar isto porque digo que Alei é: Haver desejo de não-Haver. Consentâneo com isto, quero dizer que a estrutura catóptrica que chamo de **Revirão** – que revira sempre que pode, que tem a possibilidade de se avessar – *causou*, no seio da estrutura do boneco, o que chamo de *Secundário*. Ou seja, temos a possibilidade postíca de, por cima da construção do boneco, produzir linguagens que não estavam já produzidas. No Haver, já havia linguagem – isso tudo que há aqui é linguagem, tem uma estrutura de articulação, significação, etc. –, mas começamos a inventar modos de articulação que são da ordem do *soft*, e não da do *hard*. São as línguas, etc. A loucura fundamental de poder revirar resultou, então, na grande loucura de se constituir um Secundário gigantesco mediante o qual temos a ousadia de até tentar reverter o Primário. Tentamos isto o tempo todo. Por exemplo, não conhecemos animal que use roupa por conta própria que, se ficar doente e não tiver uma cura marcada em seu repertório, saiba procurar remédio, providenciar alguma cirurgia – e é justo o que fazemos.

Toda nossa vida parece um grande *artifício*, parece tudo *artificial*, e pensamos que há uma radical diferença entre a artificialidade do Secundário e a naturalidade do Primário. Não

há. O século XXI vem borrando as fronteiras que sustentávamos até o século XX. *O Haver, isso que chamam de natureza, é tão artificial quanto nossos artifícios.* Para resumir, o que posso fazer aqui em minha fala é dizer que o que chamavam de natureza é um **artifício espontâneo** e o nosso é um **artifício industrial**, o qual praticamos na *imitação* do espontâneo. Não vamos ficar tão bestas de pensar que fizemos algo diferente, apenas repetimos de outra maneira a **artificialidade** do Haver. Digo *artificialidade* por causa do radical ART. Tudo é artifício, articulação de coisa com coisa dentro do Haver, o qual tanto está aqui como está na funcionalidade secundária, que é nossa inventividade. Isto porque a maquininha revirante funciona e nos permite virar ao contrário o que quer que se nos ofereça.

Começamos, então, a inventar construções secundárias, *soft*, capazes de limitar nossos movimentos. São ideologias, religiões, isto e aquilo, para limitar a loucura da espécie, para reprimir, recalcar, dizer o que pode e o que não pode. Dependendo do poder que temos, exercemos um recalque violento... sobre os outros, é claro. Aquele que recalca é esperto quanto a ele mesmo, é sempre para os outros. Basta estudar a história para ver como os poderes funcionam, são para os outros. Mesmo assim se conseguem grandes construções, bem feitas, bem boladas, no nível do Secundário, para dizer o que somos. Ou seja, dizem para esquecermos o Haver que criou angústia e nos dão uma resposta:

“É isto assim, assim, podem crer”. Se crermos, ferrou, teremos que ir para o analista. Se não, como suspender essa crença toda?

**10.** A coisa é tão violenta que autores de livros de epistemologia chegam a dizer que o conhecimento é uma crença. É verdade, mas o cara que escreveu a epistemologia desde a Grécia antiga estabeleceu que a verdade coincide com o Haver, e que se deve acreditar nela porque ele disse, trouxe uma construção bonita, coerente. Ou, se não, ele tem poderes para impor que a religião do Estado seja tal e quem não acreditar nela será colocado na fogueira, por exemplo. São procedimentos de repressão para fundar um recalque que dê respaldo a uma construção tão delirante quanto outra qualquer, mas que parece segurar a moçada. São as *ideologias* de qualquer ordem, religiosas e mesmo científicas. É o sofrimento das epistemologias, isto é, das teorias do conhecimento.

Lacan, por exemplo, começou trabalhando com uma sintomática mais ou menos herdada de Freud, o qual acreditava estar fazendo ciência, segundo as ideias de ciência do século XIX. Lacan pensava que iria fazer uma ciência rigorosa, pois o estruturalismo tinha se apoderado de certas organizações lógicas como as linguísticas de Saussure, de Jakobson, a antropologia de Lévi-Strauss, etc. Mas Lacan, em certo momento, começa a ficar um pouco envergonhado e para de chamar aquilo de ciência, pois um rapaz chamado Karl Popper publicara um livro desta grossura

dizendo que sabia muito bem o que era e o que não era ciência. O que não fosse *falsificável* dentro de certo modo de apreensão não seria ciências. Portanto, psicanálise e outras coisas não eram ciência. Interessante é que, passam-se muitos anos e, em seus últimos textos, Popper diz “acreditem no que eu disse se quiserem, pois, em ultima instância, isto depende de uma crença”. Então, acabou o medo. Quem vai censurar eu dizer que a psicanálise é uma ciência? Baseado no quê? Tratarei disto em outro momento.

Falo tudo isso para justificar a audácia de fazer a minha fixação. Freud começou a ser desvirtuado mesmo durante sua vida. Não é proibido delirar sobre o que ele trouxe, mas aí passa a ser outra coisa, saímos do escopo do protocolo e do assentamento que ele fez. Foi uma bagunça que resultou em que a psicanálise quase desaparecesse, mesmo mantendo este nome em várias regiões. Neste ponto é que Lacan se rebela e diz que vai ler Freud de novo. Não vai começar a psicanálise de novo, e sim retornar ao texto e à letra de Freud para ver exatamente o que era a psicanálise. Mas quando leio um texto, o que está valendo é a minha leitura. Então, Lacan chamou isso de “retorno a Freud” – ou seja, retorno como mensagem de Lacan. Esta é, portanto, a fixação do doutor Lacan tentando ler aprofundadamente a obra de Freud – mas a lente era dele. Nesse momento, muda-se de enfoque. O paradigma pode continuar o mesmo. **O paradigma da psicanálise é sexual.** Sexual quer dizer que a ideia de Sexo é que gere todos os



processos. Se há “Haver desejo de não-Haver” e não-Haver não há, acontece que o tesão não atinge seu registro, seu desejado. Então, há quebra de simetria, que Freud chamava de *castração*. Não se consegue chegar porque é impossível, e não porque não tem jeitinho. Histórica é aquela que pensa que, tentando, a gente chega, chega... Mas não chega e, no que é impossível, houve uma *secção* (ou *sexão*) radical entre o desejo e o desejado. Isto, esta *secção*, é que é sexo. “Não há relação”, como Lacan demonstrou. Sexo é isto, em qualquer circunstância em que apareça, seja no corpo do macaco que somos nós com aquele fuc-fuc que pensamos ser o sexo, seja na tentativa de chegar e esbarrar no impossível. **Sexão**, sexualidade, paradigma da psicanálise, ou seja, o que Freud chamava de *castração*. Não é preciso cortar nada no corpo de ninguém, é que Freud fazia a metáfora com outras ideias. Simplesmente, seja aonde formos, esbarraremos no impossível. Se conseguirmos assimilar isto, ficaremos bem melhor. Se não conseguirmos, teremos várias saídas. Pode ser aquilo que antigamente chamavam de neurótico, psicótico, perverso. A psicanálise vive de tentar levar a pessoa a essa decepção. E isto é curativo, pois paramos de espernear, sabemos que não dá – então, vamos no que dá.

Lacan faz esse retorno a Freud constituindo, com excelência, a ideia de simbólico e pensando em registros de nossa mente como: *Real*, *Simbólico* e *Imaginário*. Esta é a sua tríade. E o trabalho de sua vida foi, sobretudo, entender a ordem simbólica,

mesmo tendo, no final, quebrado a cara diante do Real. Estruturou, portanto, tudo na via do entendimento do simbólico, ou seja, no que fazemos ao falar, ao constituir discursos, constituir secundariedades, constituir, em última instância, o Artifício Industrial, que é o nosso trabalho cotidiano.

**11.** Ao invés, então, de manter o retorno a Freud, de Lacan, preferi fazer **o retorno de Freud**. As pessoas ficam me gozando como se eu estivesse vendo fantasma. O retorno de Freud é: pegar o sintoma de Freud de volta. Isto porque seu sintoma era instalar no Primário, e não no Secundário, nessa coisa Simbólica. Freud achava que as coisas estavam instaladas no Primário. Interessava-lhe saber que o Primário funciona de certo jeito, que vem um Secundário, e que, este, ainda por cima tem uma pega com o Primário. Por isso, diz que a pulsão fica entre o biológico e o psíquico. O modelo de Freud quer uma inserção no biológico; o de Lacan é, sobretudo – em seu começo, pelo menos –, simbólico: linguístico, lógico, topológico, etc. Eu peço a reinserção dizendo que é tudo uma coisa só. Não há oposição entre mente e corpo, entre psíquico e somático, **é tudo constituído da mesma maneira que o Haver se constitui**. Há diferenças regionais, mas o modo de articular é sempre o mesmo. Acabou a fronteira. Como sabem, o extermínio das fronteiras é, digamos, quase um truísmo hoje: as fronteiras de saber, de distância entre o físico e o

espiritual, estão todas sendo exterminadas no pensamento do século XXI.

Retirei-me, portanto, da inserção direta do Biológico, em Freud; da tríade Real, Simbólico e Imaginário, em Lacan; e resolvi pensar que temos, sim, três registros que são: *Primário*, *Secundário* e *Originário*. **Primário** é o artifício espontâneo: isso nasceu assim. **Secundário** é aquilo que o **Originário**, que é a estrutura em espelho (o Originário), fundou como estrutura que chamam de simbólico, de linguagem, que é a nossa artificialidade no mundo. O Primário não é o que muitos pensadores achavam ser, uma tábula rasa, neutra e que, depois, lá inscreveríamos as coisas. Quando nasce uma criança, já está cheia de inscrições biológicas, de limitações, de recalques, de escolhas feitas pela biologia, ou seja, muita coisa lhe foi excluída. Ela já é um ser sintomático, cheio de sintomas, de formações excludentes, pois a constituição primária é muito recalcante em comparação com nossa disponibilidade secundária. Então, para coisas simples que nos ocorrem como nascer sem asas e querer voar, a única saída é inventar um avião, por exemplo. E só se o inventa com grande trabalho secundário tentando intervir no Primário. Por isso, cultivo estes três registros: o *Primário*, o espontâneo que me é dado; o *Secundário*, aquilo que o *Originário* produziu como competência de equivococar, de revirar o Primário. Assim, ao que me apresentam, posso querer o contrário. Se não gostei, prefiro de

outro modo. E quando invento algo que supera a limitação do Primário, estou desrecalcando o que o Primário recalcou.

Como veem, somos uma trouxa de recalques, pois, além dos recalques primários, a loucura funcionando muito, a criança se perde. Além disso, vêm as ideologias culturais, junto com família, religião, estado, escola, etc., e começam a recalcar seus movimentos segundo determinado modelo. O pior é que, sem certo recalque, a criança se perde, e com recalque fica neurótica. Este é o dilema. Se não há limitação, a loucura estraga tudo, se há limitação e o gajo acredita demais – pois tem isto, ele tem que acreditar demais –, aí ele fica o que antigamente se chamava de neurótico, ou fica psicótico, fica algo ruim demais. Tenta-se, então, inventar um procedimento para desrecalcar sem esculhambar. É a teoria da psicanálise: como desrecalcar sem esculhambação? É difícilimo, quase impossível, aliás. Freud disse que analisar é impossível, assim como educar e governar, mas tentamos, *mesmo assim*.

**12.** Como disse, os protocolos que cada um arruma para tentar inventar um aparelho de entendimento dependem do repertório da pessoa e de seu momento histórico, do que está *acontecendo* (ou seja, isto é *eventual*). Quando tomamos Freud e Lacan, após certa convivência com suas obras, percebemos que eram rigorosos, eficazes e em acordo com seu momento.

Freud precisou de um modelo básico para construir sua teoria. Em sua época, o que saltava aos olhos nos consultórios, nos processos de vida, na política, na religião, aqui e ali, é o que ele chamava de *neurose*. É um péssimo nome, pois tem a ver com nervos, com doente dos nervos. Este e outros são, aliás, nomes que vieram de heranças ruins, que nos impedem de pensar. Só a palavra *neurose* já nos impede de pensar bastante. Mas o que interessa é que **o modelo sobre o qual Freud construiu seu edifício psicanalítico foi o da *neurose***: o grande modelo da *histeria* e da *neurose obsessiva*. São dois nomes ruins que a época ofereceu, pois *histeria* é útero e há histérico que não tem útero; e a *neurose obsessiva*, às vezes, nem parece estar obcecada. Freud tentou descrever estas duas coisas com base em psiquiatras antigos. Em suma, sobrou a ideia do recalque fundando neuroses. Foi sobre este modelo que Freud construiu sua teoria. Não que ele não procurasse uma teoria da *psicose* ou da dita *perversão*, mas o modelo com o qual instalou sua teoria é o da *neurose* em cima da ideia fundamental de *recalque*.

São nomes tão ruins que, para meu uso diagnóstico, não mais chamo de *neurose*, e sim de **Morfose Estacionária**. Isto porque, se qualificarmos de *histeria*, disso ou daquilo, ficaremos aprisionados em nosso entendimento. Além disso, não existem só *obsessivo* e *histérica* no pensamento de Freud. Ele se vê às voltas com coisas diferentes: *neurose* disso, daquilo, é uma colcha de retalhos. Então, o conceitozinho de *Estacionário* me serve para

considerar pessoas que, em seus percalços de vida, constituíram modos de defesa que são: paralisar, não mexer, mexer o mínimo. É mais ou menos o que chamaram antes de neurose, só que meu modelo me deixa solto para pensar qualquer tipo que apareça, sem precisar dizer que é histeria ou obsessiva ou qualquer outra. Como essa pessoa estacionou? É barbeira? Amassou o carro? Arranhou o carro ao lado? Ou seja, ela paralisou no que chamo de *Morfose Estacionária*, e isto já muda muita coisa. Se der, retornarei a isto mais adiante no decorrer deste Falatório.

Se observarem a vida intelectual e afetiva do Doutor Lacan, descobrirão que ele tomou como modelo de seu pensamento, de sua fixação, a **psicose**. De preferência, a que chamava de *psicose paranoica*. Na juventude, ele teve um caso intelectual terrível com uma louca, que apelidou de Aimeé, que resultou em sua tese de doutorado sobre a psicose paranoica. E vemos que esta ideia é que foi modelar em seu pensamento, muito de acordo com seu amigo Salvador Dali, que inventou a *paranoia crítica*. Os dois, aliás, ficaram disputando quem era o dono da ideia. Não gosto do nome psicose, muito menos de psicose paranoica ou esquizofrenia. Para meu uso, chamo de **Morfose Regressiva**. Toda vez, então, que consigo entender que há uma construção no sentido da regressão, da hipóstase para dentro da realidade, chamo assim, pois é um nome que pode conter paranoia, esquizofrenia e qualquer outro tipo de articulação a que antigamente chamavam

*psicose*. Isto, como disse, para evitar esses nomes e também o conceito.

Um pouco mais tarde, no contraponto a Lacan, surge uma dupla – um psicanalista da Escola de Lacan, Félix Guattari, e outro, filósofo, Gilles Deleuze, já um grande pensador na época – que começa a questionar essas coisas da psicanálise. Eles inventam a teoria da organização do pensamento sobre a psicose, mas não a paranoia, de Lacan, e sim a esquizofrenia deles. Deleuze e Guattari constituem um pensamento, tentam organizar uma teoria sobre a ideia de esquizofrenia, que é outra psicose. Vejam, então, que no século XX, propriamente dito, depois de Freud, os grandes pensamentos a respeito da constituição da mente têm olho na psicose. Por quê? Porque **o século XX é psicótico**. O século XIX é tipicamente neurótico, basta ver a literatura e os filmes sobre a época. Já no século XX temos os rigores mais loucos. Por exemplo, a teoria de Einstein: uma paranoia radical – e contestável, relativizável hoje. Mas o modelo que estava na cara de todos era psicótico. Eles foram, portanto, absolutamente de acordo com a mentalidade geral da psicose da época, com seus rigores, com ciência disso, ciência daquilo. Havia que ser científico radical. A sociologia, por exemplo, tinha que pensar *por si*. Parece que o resto não existia. É um positivismo, mesmo que oculto, larvar. Não se esqueçam de que quem inventou o positivismo foi Auguste Comte, que era.. completamente psicótico. Eles abandonaram o positivismo, mas

mantiveram o entendimento desse momento extremamente psicótico.

Estamos começando a ficar livres do século XX, mas mediante outra zorra, que é aquela do século XXI. Em nossa vivência do que acontece hoje, isto jamais aconteceu no planeta. Podemos dizer que, até o final do século XX, que, como disse da vez anterior, acaba por volta de 1980, a coisa tinha progressões, havia uma estabilidade neurótica ou psicótica, etc. Já o século XXI entrou com tudo, estão todos sem saber o que fazer com o que está acontecendo, pois o modelo da neurose não serve mais, não se fazem mais neuróticos como antigamente quando tínhamos neuróticos de coturno e histéricas que davam ataques. Hoje, as histéricas estão disfarçadas, só sacaneiam o mais próximo. A psicose, esta, depois de ter tomado o poder – Adolf Hitler e Stalin são paranoia pura, e não esquecer Mao Tsé-Tung –, também está disfarçada em movimentos democráticos e coisas do tipo. (Risadas...) Não riam, pois é tristonho.

**13.** Qual é a cara do século XXI? Que modelo posso tomar para pensar fora dos modelos neurótico e psicótico? Vocês podem achar estranho, mas é o modelo do que antes, *erroneamente*, chamavam de **perversão**. Esta é a estrutura do século XXI. Joguem no lixo a palavra perversão, pois não serve para nada. A ideia de perversão vem da ordem policial. Ou seja, da ideologia dominante que não quer tal comportamento. Se alguém está



comendo a mulher do vizinho, é uma perversão, ele vai para a fogueira. Ou, quanto ao modo como alguém trepa com sua mulher, é uma perversão porque a igreja ou o Estado dizem que está errado. A deia de perversão nasceu assim, policial, passou para o jurídico, do qual foi assimilada pela medicina, depois pela psicologia e até pela psicanálise. Freud, pensando estar limpando a barra, começou dizendo que a criança é um *perverso polimorfo*. Ele, ao invés de dizer que a criança é sexualmente polimorfa, coisa que disse também, tomou o termo da ordem médica, que já tinha sido assimilada da ordem jurídica, e o usou. A criança pode ser diversa, divertida, mas perversa, não. Ela simplesmente está com tanta disponibilidade que vemos todas as tendências antes que venhamos a reprimir e recalcar, dizer que isso ou aquilo não pode. Aí é que o cara fica neurótico.

Quando retiramos os conceitos idiotas como os de neurose, psicose e perversão, há que limpar a barra. Em vez de *perversão*, temos, então, agora, uma construção em que, diferentemente da neurose e da psicose, o recalçamento funciona como a possibilidade de sustentar uma suspensão do recalque, mesmo ele existindo. Isto está em Freud e é o que chamo **Morfose Progressiva**. A pessoa é capaz de formular por cima do recalque, suspendendo-o, o que dá as coisas mais maravilhosas e as mais terríveis. Paciência, pois sem este modelo de suspensão não teríamos ciência, criação de teoria, etc. Vejam que pode parecer que euzinho, brasileiro, idiotinha, nascido aqui nesta joça, não

teria direito de repensar o que é a psicanálise, pois só se pensaria na estranha. Se não atuarmos como qualquer cientista, como qualquer pensador, e afirmar *eu vou pensar!*, ou seja, se não fizermos como faz o que chamavam de perverso – que estou chamando de Morfose Progressiva em cima de uma atuação que suspendeu o recalque por algum modo –, calaremos a boca e teremos que ser neuróticos como todo mundo, talvez para sempre.

O século XXI é claramente uma Morfose Progressiva – e está nos assustando. Os regressivos e os estacionários estão apavorados, não com a quantidade de pessoas progressivas, e sim com a quantidade de produções progressivas tão eficazes que ninguém mais segura, a não ser que se acabe com a civilização. Os movimentos da informação, da internet, do computador, etc., puseram em suspensão as certezas anteriores de tal maneira que aqueles estacionariamente apegados a certas formações estão em pânico e, no pânico, querem subsistir nem que seja jogando bomba nos outros para ver se acabam com o pensamento deles. Os regressivos, estes, estão tentando refundar o infundável. Isto porque se perdeu o *fundamento* em religião, mesmo em ciência e em filosofia. Estão se assegurando para ver se sobrevivem à dissolução das fronteiras e das formações dominantes que está acontecendo pelo simples fato não de que as pessoas deixaram de ser neuróticas, e sim porque o movimento da criação humana dispersou tudo sem volta. E se tiver volta, é a calamidade, é acabar com a civilização. Então, como vamos sobreviver? Como

vamos chegar a esse novo momento? Vemos na televisão todo dia, coisas como o tal dono da Síria, aquele animal, grupos religiosos, terroristas, jogando bombas uns nos outros porque acabaram com as certezas deles. Estes são os regressivos e os estacionários. Mas não dá mais para segurar. Assim também, o casamento é uma instituição em que cada um escolhe como quer fazer, mas estão assustados, pois, para eles, casamento é para fazer neném e família carnal. Sabemos de machão que mata veado em São Paulo, no Rio, etc. Veado é ele, pois se permitem a homossexualidade, ele supõe que será obrigado ser. É o que está na cabeça dele. Por isso, mata o outro para ver se elimina a possibilidade de ser o que na verdade ele é em última instância. O psicanalista ele não engana. Esta é a situação em que estamos entrando. Ainda bem que as gerações morrem. A morte é um santo remédio, e o que vai sobrar não será nada disso que está aí. Para onde vamos? Como fazemos?

14/MAI